

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

PATRIOTAS EM PERIGO!



CONTINUA A DESCONHECER-SE O PARADEIRO DE FRANCISCO MIGUEL E JÚLIO FOGAÇA, TAMBÉM AS VIDAS DE CÂNDIDA VENTURA E ANTÓNIO GERVÁSIO ESTÃO EM PERIGO

SALVEMO-LOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

# Horas sombrias para Portugal

## A POLÍTICA COLONIAL DO GOVERNO DE SALAZAR ESTÁ ERRADA

*Deve reconhecer-se aos povos coloniais o direito à autodeterminação*

«Que todos os povos do Globo oiçam as nossas palavras; todos nós vivemos num único planeta. Neste planeta nascemos, trabalhamos, educamos os nossos filhos e lhes transmitimos tudo o que temos realizado na vida».

Estas palavras que iniciam a histórica Declaração proposta pela União Soviética na Assembleia da ONU representam uma condenação decisiva do sistema de opressão colonial. É a esta luz que é preciso considerar a política colonialista de Salazar e a situação dos povos dominados pelo colonialismo português.

### Vergonha e descrédito para Portugal

Da tribuna da Assembleia da ONU, os representantes dos países socialistas, dos neutralistas e das jovens nações africanas, fustigaram as misérias do colonialismo português e ridicularizaram os estafados argumentos com que os representantes de Salazar tentaram defender a podridão da política colonial do fascismo português.

Por detrás da fraseologia patriótica dos salazaristas, que procuram inverter os factos, toda a gente vê a realidade cruel: na África e na Ásia 12 milhões de homens e mulheres das colónias portuguesas são submetidos à mais dura escravidão, mantidos na miséria e na

ignorância mais profunda, esbulhados dos mínimos direitos e liberdades, dizimados por uma exploração desenfreada em benefício dum grupo de roceiros e monopolistas.

Estes milhões de seres humanos exigem a sua libertação, eles têm de ser libertados quanto antes, pois a época do colonialismo está ultrapassada.

Mas o governo de Salazar vem demonstrando dia a dia que não tem qualquer resposta positiva a dar a esta nova situação histórica. As sentidas reivindicações de liberdade e independência dos povos

coloniais, Salazar responde com a mais sangrenta repressão, com o agravamento da exploração colonial, com o apertar das algemas da opressão colonialista.

Os massacres dos povos de S. Tomé, Goa, Bissau, Timor, Niassa, Scolo Bengo, Cabinda, ficarão assinalados na história sangrenta do colonialismo português, como a mais severa condenação do seu domínio imperialista.

A continuação desta política envergonha a consciência nacional e enche de descrédito o país aos olhos dos outros povos.

Não é com palavreado que se alteram as realidades

Os serventários do colonialismo português, os que estão interessados em manter a exploração e opressão dos povos coloniais procuram alterar os factos sob uma fraseologia mentirosa.

A grande imprensa, ligada a uma forma ou doutra aos grandes colonialistas, os representantes de Salazar na ONU e os fabricantes das manifestações «espontâneas», são abundantes neste palavreado mistificador. Eles falam em «ausen-

(continua na 6.ª pág.)

## UMA GRANDE JORNADA NACIONAL DE LUTA CONTRA O SALAZARISMO ENFRENTANDO A BRUTAL REPRESSÃO DO GOVERNO MILHARES DE PORTUGUESES COMEMORAM O 5 DE OUTUBRO

As comemorações do Cinquentenário da República, constituíram uma verdadeira jornada nacional de luta contra o regime salazarista.

Apesar da mordada posta à imprensa republicana para abafar no silêncio os preparativos da oposição democrática, apesar das manobras fascistas para desnaturar o carácter das comemorações e castigar as acções de massas, apesar do aparato bélico e da repressão brutal contra os manifestantes populares, muitos milhares de por-

tugueses de todas as condições sociais, num elevado espírito de unidade, manifestaram, das formas mais diversas os seus sentimentos anti-salazaristas e a sua firme disposição de luta contra o regime.

### Os fascistas rasgam a bandeira nacional

Em Lisboa, milhares de pessoas, apesar das proibições e da repressão brutal das autoridades, comemoraram o Cinquentenário da República. Foi organizada uma romagem aos túmulos dos mortos da República, no cemitério do Alto de S. João e em seguida um desfile até à Praça do Município e ruas da Baixa tudo sob as cargas brutais das forças repressivas.

No Alto de S. João, a PIDE e a PSP, depois de terem ordenado a suspensão de todos os transportes colectivos e desviado o trânsito desde a Avenida Almirante Reis, tentaram por todos os meios impedir o agrupamento e o desfile dos manifestantes. Os portões do cemitério foram encerrados e depois abertos e feita a saída em conta-gotas.

Assim mesmo, os que puderam penetrar no cemitério encheram de flores os túmulos de republicanos ilustres, fizeram minutos de silêncio em sua homenagem e entoaram em cântico o hino nacional. Destacados democratas, como o Professor Azevedo Gomes foram impedidos de discursar pela PIDE. Foi ainda com as estrofes de «Portuguesa» nos lábios e aos gritos de «Liberdade!» «Amnistia!» «Democracia!» que milhares de manifestantes desfilarão até à Baixa, enfrentando as cargas brutais das forças repressivas. Jovens estudantes, bra-

ço com braço, arrostavam os ataques da polícia.

Na rua Morais Soares, na Avenida Almirante Reis, Praça do Município e Largo do Rossio a PIDE, PSP e GNR armados de capacetes e bombas de gás atacaram os manifestantes muitos dos quais tiveram de receber tratamento nos hospitais. Várias prisões foram feitas, entre elas a do democrata Dr. Mário Soares por ter protestado contra a repressão.

Em pleno Rossio, onde a repressão foi mais brutal, a ferocidade das forças repressivas concentrou-se sobre o jovem porta-bandeira da manifestação. O jovem foi espezinhado e espancado e a bandeira nacional arrancada e rasgada pelos fascistas.

O povo de Lisboa mostrou mais uma vez o seu desamor pelo regime e os seus sentimentos democráticos.

Na cidade do 31 de Janeiro, as massas populares exaltam a Democracia e a Liberdade

Também no Porto, tiveram lugar importantes manifestações populares. Logo de manhã, apesar da forte concentração policial, centenas de jovens se dirigiram em romagem, ao cemitério do Prado do Repouso. Aqui as forças repressivas impediram o acesso ao cemitério e atacaram os manifestantes com jactos de água. As 15 horas centenas de democratas concentraram-se na Praça da Liberdade e iniciaram o desfile para o Prado do Repouso que agrupou mais de 4 mil pessoas.

(continua na 2.ª pág.)

## VIVA O 43.º ANIVERSÁRIO DA GRANDE REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Acaba de passar mais um aniversário da grande revolução socialista de Outubro que abriu uma nova era a toda a humanidade. O proletariado e os restantes trabalhadores de Portugal, e intelectualidade progressista e todos os que amam a liberdade e a paz no nosso país, saudam esta data gloriosa na vida do povo russo e de todos os humilhados e oprimidos da terra.

As comemorações do 7 de Novembro realizam-se este ano sob a influência da grande batalha pela Paz mundial travada por iniciativa da União Soviética e dos países do campo socialista assim como dos extraordinários êxitos do povo soviético nos domínios do bem estar material, da cultura, da ciência e da técnica.

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética uma calorosa saudação de que transcrevemos a seguir os seguintes passos:

(...) «Queridos camaradas:

«Nós saudamos calorosamente as grandes vitórias do povo soviético que foram decisivas para as alterações da balança de forças mundiais a favor da Paz.»

«O Partido Comunista e o Governo soviéticos, soberam continuar de uma maneira criadora a política leninista de coexistência pacífica, soberam analisar com justiça o actual correlação de forças no mundo e tomar resolutamente a iniciativa na grande batalha da Paz que presentemente travam as forças progressistas e pacíficas de todo o mundo.» (...)

«A política agressiva dos belicistas americanos mostra que a defesa da Paz é «a tarefa primordial» da hora presente. Pela primeira vez na história surgiu, porém, a possibilidade real de evitar a guerra. Tal possibilidade deriva da força e da unidade do campo socialista, da sua superioridade em relação ao campo capitalista, da força e da unidade do movimento comunista e operário mundial, do desmoronamento do sistema de dominação colonial e da firme disposição dos povos de defenderem a causa da Paz» (...)

«A Paz está ao alcance dos povos. Apesar da tensão internacional, a política de coexistência pacífica entre estados de regime social diferente continuará e acabará por triunfar.» (...)

«O nosso povo está vitalmente interessado na defesa da Paz e na eliminação da ameaça da guerra. Salazar, lacão de Washington, prepara-se para mergulhar o país numa guerra colonial. Tudo faz para amarrar Portugal à política dos belicistas americanos. Transformar os anseios de Paz do nosso povo em acções concretas em defesa da Paz é uma das tarefas mais prementes e necessárias do Partido Comunista Português.»

«Nós, comunistas portugueses, saudamos com calor a luta intransigente da União Soviética contra os restos do odioso sistema colonial, assim como a sua ajuda fraternal aos povos que se libertaram ou desejam libertar-se da escravidão colonialista».

continua na 6.ª pág.)

# AS COMEMORAÇÕES DO 5 DE OUTUBRO

(continuação da 1.ª pág.)

De novo as forças repressivas atacaram os manifestantes que entoavam o hino nacional e soltavam gritos de «Liberdade» «Amnistia» «República» apenas 30 pessoas conseguiram penetrar no cemitério e aí homenagearam os mortos da República. Entoando as estrofes do hino nacional os manifestantes, sempre sob os jactos de água das forças repressivas, dirigiram-se para a Praça de S. Lázaro, onde os cânticos abafaram os sons da banda da PSP, e daqui até a Praça da Alegria onde uma forte barragem policial com capacetes de aço e metralhadoras desfizeram a manifestação.

Entretanto, mais de 500 pessoas prestaram homenagem ao prestigioso democrata Dr. António Luís Gomes, único sobrevivente do governo provisório da República. O insigne democrata, agradecendo a homenagem, num apelo vibrante, pediu aos democratas que esquecessem querelas e questões do passado e se unissem no interesse da Pátria. O povo da capital do Norte mostrou, de novo, que o seu amor à Democracia e à Liberdade continua vivo e que o seu espírito de lutas tantas vezes evidenciado permanece aceso e firme.

## Portugal não está com Salazar

Noutros pontos do país as massas populares afirmaram com vigor os seus sentimentos anti-salazaristas. Nas cidades de Braga, Aveiro, Guimarães, Coimbra, Viseu, Setúbal e outras, os democratas manifestaram-se das mais diversas maneiras, apesar da proibição terminante das autoridades fascistas. Em Guimarães os manifestantes foram impedidos de entrar no cemitério local por uma força da GNR armada de metralhadoras. Na localidade ribatejana de Couço, onde a população tem dado provas do seu amor à Democracia, cerca de 3.000 pessoas fizeram romagens aos cemitérios do Couço e Santa Justa. Enfrentando uma força da GNR armada de metralhadoras, os manifestantes populares, aos vivas à Liberdade, à República e à Democracia, gritando «Amnistia! Amnistia!» e cantando a «Portuguesa», desfilarão pela localidade agitando centenas de bandeiras nacionais. O comandante da força da GNR impediu que os manifestantes entrassem no cemitério de Santa Justa à porta do qual fizeram um minuto de silêncio.

No Barreiro, muitas dezenas de democratas concentraram-se junto da casa do velho republicano José Augusto Guedes e aí, no meio de vivas à Democracia e à República e aos gritos de «Fora Salazar!» «Abaixo o fascismo!» «Amnistia!» manifestaram o seu democraticismo. Entretanto, uma força de mais de 50 guardas da GNR, de armas aperradas penetraram na casa e prenderam 50 pessoas, libertando quase todas mais tarde depois de interrogadas pela PIDE e mantendo a prisão de 5 entre as quais os democratas Manuel Cabanas e Artur Tavares.

Em Almada, duas manifestações, uma de manhã outra à tarde, e com 300 e 400 pessoas respectivamente fizeram romagens à casa onde

nasceu Elias Garcia. Numa romagem ao cemitério local onde puseram flores na campa do falecido democrata e dirigente do P. C. P., Dr. Alberto de Araújo, os manifestantes entoaram em coro o hino nacional.

Em Alpiarça, onde o governador civil proibiu a romagem e sessão projectadas, cerca de 150 democratas de quase todo o distrito de Santarém reuniram-se num jantar comemorativo e aí se manifestaram a favor das liberdades democráticas e da Amnistia.

Em Torres Vedras, Grândola, Marinha Grande, Vila Franca, Alcanena, Torres Novas, Gaia Matozinhos, S. João da Madeira, Alenquer, Alcórrego, e outras tiveram lugar jantares comemorativos, romagens e outras manifestações democráticas.

Em todas as localidades citadas e em muitas outras houve alvorada de foguetes e morteiros, em muitas foram recolhidas centenas de assinaturas ou votadas moções reclamando a Amnistia aos presos políticos, foram organizadas comissões concelhias e locais com vistas às próximas eleições e para o recenseamento eleitoral, noutras ainda as bandas percorreram as ruas tocando o hino nacional acompanhadas do povo.

Pode-se dizer que estas importantes manifestações populares mostraram mais uma vez que Portugal não está com Salazar.

## A unidade dos Democratas reforçou-se, o governo ficou isolado

O governo fascista tentou lançar a confusão entre as massas tentando chamar a si a iniciativa das comemorações para lhe falsear o carácter, constituindo uma pseudo-comissão nacional para impedir a organização de comissões oposicionistas.

A escolha para a «comissão» oficial do ultra-colonialista Sarmiento Rodrigues, dos fascistas Ricardo Durão, Bissaia Barreto e Urbano Rodrigues e de «democratas» como o Dr. Hernani Cidade; os apelos à «unidade» para a «defesa» do «Ultramar português»; a farsa representada na Sociedade de Geografia, mostram claramente os objectivos que o governo teve em vista com as suas manobras — dividir a oposição, justificar as proibições e a repressão contra os democratas.

Pode-se dizer que tais manobras fascistas foram completamente desbaratadas.

O carácter anti-fascista desta grande jornada, a atitude inequívoca de milhares e milhares de portugueses que exterorizaram os seus sentimentos anti-salazaristas, o desejo de unidade revelado pelas forças da oposição, fizeram que os esforços dos governantes não surtissem o efeito por eles desejado e accentuaram o seu isolamento político dentro da nação.

A unidade oposicionista reforçou-se e o governo ficou isolado. Esta conclusão política fundamental das comemorações do Cinquentenário da República é essencial para preparar, organizar e mobilizar os democratas portugueses com vistas às próximas jornadas.

## «Nós e vós», não! «Todos!»

O desejo de unidade das massas populares; as desasombradas palavras de destacados e autorizados democratas que deploraram a falta de unidade das forças oposicionistas; os perigos e ameaças que rodeiam a paz e a segurança dos portugueses; os dias difíceis que se avizinhavam para o nosso povo em consequência da política traidora do governo de Salazar, reclamam imperiosamente a união de esforços de todos os oposicionistas e a organização e mobilização de todos os portugueses anti-salazaristas

«Só a política de união nos deu a vitória. Divididos fazemos a política dos nossos inimigos» — disse Bernardino Machado em 1921. Urge, de facto, «esquecer as querelas e questões do passado», valorizar tudo o que une actualmente as forças opostas a Salazar e criar, sem reservas e discriminações, a armadura democrática que pode assegurar no nosso país uma rápida mudança na situação política nacional.

Os apelos para a comemoração do Cinquentenário da República publicados por diversas comissões democráticas e assinados por centenas de democratas de todas as tendências e o amplo carácter de

unidades das comemorações foram um passo importante para a frente única das forças anti-salazaristas e a mobilização das massas populares.

Não tem, pois, razão um democrata, que como «protesto» contra as proibições das autoridades fascistas no 5 de Outubro, levou vários dos seus conterrâneos a abster-se das comemorações, não têm ainda razão aqueles destacados democratas que referindo-se a outros correligionários diziam «nós e vós». Somos todos os que desejamos o derrubamento de Salazar que devemos conjugar as nossas forças, dinamizar e organizar as massas populares e preparar novas e grandes jornadas de unidade que criem as condições para libertar Portugal da praga salazarista.

Seria tremendamente nefasto ao país deixar que perspectivas tão prometedoras como as das próximas eleições para deputados fossem perdidas pela desorganização e desunião das forças oposicionistas.

O regime de Salazar, porque oprime e algema a nação, é um regime condenado. Que todos os democratas se deem fortemente as mãos sem olhar à cor política de quem as estende e sem dúvida aproximaremos a hora da libertação do nosso povo.

## 15.º ANIVERSÁRIO DA FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

Foi em Outubro de 1945, logo após o termo da segunda guerra mundial, que reunindo-se em Paris, os representantes sindicais de 52 países resolveram criar uma organização internacional dos trabalhadores, a Federação Sindical Mundial, que coordenasse a acção de todos os Sindicatos que a ela quisessem aderir, prestasse a solidariedade aos trabalhadores em luta de qualquer país, lutasse pela defesa da paz e pelas reivindicações mais sentidas de todos os explorados e oprimidos. Assim nasceu a poderosa F.S.M. à qual logo aderiram sindicatos em que estavam filiados 65 milhões de homens e mulheres das mais diversas ideologias políticas, raças e credos religiosos.

Durante os 15 anos posteriores da sua existência, devido à incansável luta que tem conduzido em defesa dos trabalhadores, a ela aderiram mais 40 milhões de operários e empregados. A F.S.M. conta hoje 105 milhões de aderentes é, sem dúvida, a mais numerosa e potente organização de trabalhadores que jamais existiu.

Neste momento, segundo Louis Saillant, Secretário geral da F.S.M., «as actividades da F.S.M. desenvolvem-se em diversas frentes que poderiam ser assim caracterizadas:

a) frente mundial da luta pela paz, pelos direitos democráticos e pela independência dos povos;

b) frente reivindicativa nas questões económicas e sociais.» Os sindicatos portugueses não mantêm relações com a F.S.M. porque a legislação fascista os obriga a «não manter relações com organismos de carácter internacional, seja qual for a sua ideologia ou finalidade». Naturalmente que tal imposição fascista acarreta grandes

prejuízos aos trabalhadores portugueses. Porém, apesar de todas as barreiras e dificuldades criadas pelo governo, a F.S.M. tem ajudado os trabalhadores portugueses, moral, política e economicamente. Logo em 1948, na sua sessão de Roma, o Comité Executivo da F.S.M. aprovou uma moção condenando a inexistência de liberdades sindicais em Portugal, e resolveu levar tal situação ao conhecimento da O.N.U. A quando das greves, dos salmeiros de Alcochete, em 1957 dos pescadores de Matosinhos, em 1958, e da recente greve dos mineiros de Aljustrel, a F.S.M. ajudou os operários portugueses, quer enviando-lhes dinheiro, quer dando a conhecer ao Mundo as suas lutas, quer protestando contra as prisões então efectuadas pela P.I.D.E. A sua acção se deve em grande parte o terem sido rapidamente postos em liberdade os mineiros de Aljustrel.

Por tudo isto, o porta voz da classe operária portuguesa que a censura salazarista não consegue amordaçar, o «Avante!», saúda a gloriosa F.S.M. desejando-lhe êxitos sempre maiores na sua actividade.

## OUÇA A RÁDIO!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 21 às 21,30 pelas ondas de 41 e 49 metros, das 21,30 às 22 horas em 31, 41 e 49 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 18,30 às 19 h. e das 23,30 às 24 h. em 16, 19 e 25 metros; e em ondas médias, em 233 metros.

### Rádio Pirineica

Transmite todos os dias, em espanhol nas ondas de 37, 39 e 43 metros, das 7 às 7,30 da manhã, e das 17,30 às 24 horas com um curto intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

AVANTE! FINANCEIRAMENTE O "AVANTE!"

# A VIDA E A LUTA DOS TRABALHADORES



## TRABALHO OU PÃO

**C**ouço: os trabalhadores desempregados têm-se concentrado na Casa do Povo, umas vezes em grupos de 100, outras de 70 e outras de 150. Na última destas concentrações, quando já eram 17 horas e o Presidente queria fechar a porta da Casa do Povo, os trabalhadores não consentiram enquanto não fosse resolvida a sua situação. Perante a sua decisão e firme-

za, o Presidente teve que telefonar para Coruche e de lá disseram que a situação se iria resolver rapidamente. Entretanto os trabalhadores continuaram na Casa do Povo à espera da prometida solução. Passado algum tempo apareceu o cabo da GNR, mas os trabalhadores não se intimidaram e disseram-lhe que necessitavam de trabalho, que se não lhes arranjassem trabalho fariam uma concentração em massa com as mulheres e os filhos, e depois iriam buscar o comer onde o houvesse. No dia seguinte todos os desempregados foram distribuídos por vários trabalhos com jornas de 18 a 20\$00. Os valentes operários agrícolas do Couço pensam agora lutar por melhores jornas.

**Montargil:** Elevado número de trabalhadores desempregados fizeram uma concentração na Casa do Povo exigindo trabalho ou pão. Depois foram ao posto da GNR exigir o mesmo. O comandante do posto disse-lhes que iria resolver rapidamente a sua situação.

**Coruche:** Os operários agrícolas que estavam desempregados concentraram-se na Casa do Povo exigindo trabalho. Depois foram ao posto da GNR e expuseram a sua situação ao alferes. Este distribuiu todos os desempregados pelos lavradores, com a jorna de 20\$00.

**Avis:** 21 trabalhadores que estavam desempregados concentraram-se na Casa do Povo e exigiram trabalho. Em seguida foram à Câmara e expuseram ao Presidente a sua situação. Este mandou-os trabalhar para uma estrada a 20\$00 por dia. Como a estrada ficasse distante, os trabalhadores disseram que precisavam de transporte de manhã e à tarde. O Presidente quis esquivar-se, mas perante a firmeza dos trabalhadores teve de ceder.

**Alcórrego:** 23 trabalhadores desempregados depois de irem à Casa do Povo, foram à Câmara de Avis exigir trabalho ou pão. Houve discussão com o Presidente da Câmara e este foi obrigado a arranjar trabalho para todos na estrada de Figueira de Barros.

**Pias:** 250 trabalhadores concentraram-se na Casa do Povo a exigirem trabalho. Como aí não conseguissem nada, foram falar com o Presidente da Junta de Freguesia que lhes disse que dentro de dias resolveria a sua situação. Porém a fome não espera. Por isso os trabalhadores de Pias, e todos os trabalhadores em idênticas circunstâncias, devem forçar as autoridades a dar-lhes trabalho ou pão.

## LUTA DOS OPERÁRIOS DA RANKIN

**E**m consequência da acção dos operários da Rankin que enviaram uma carta à gerência a pedir um aumento geral de 5\$00, todos os trabalhadores não especializados foram aumentados em 3\$40. Contudo, este aumento não satisfaz os operários da Rankin e, por isso, eles devem continuar a sua luta.

## Os operários da construção civil lutam e vencem

**A**lmada: Numa obra em Corroios (construção duma fábrica de cortiça) os serventes combinaram pedir 32\$00 e para isso foram falar com o mestre de obras. Este telefonou para a direcção da empresa, dizendo depois que o aumento ia ser estudado. Mas os serventes responderam-lhe que se o aumento não lhes fosse garantido imediatamente largariam o trabalho. Novo telefonema e veio o aumento reclamado.

Um dos empreiteiros que estão a fazer prédios no Bairro do Pragal despediu quase todos os serventes. Quando fez o pagamento eram 18 horas e como a lei estabelece que em tais casos o pagamento e aviso de despedimento tem que ser feito até as 16 horas, os serventes protestaram e obrigaram-no a pagar até às 18.

Numa outra obra do mesmo bairro, o patrão e o encarregado costumavam às 17 horas ter uma grande quantidade de massa para os serventes carregarem. Certo dia os serventes, descontentes por trabalharem depois das 17 e um quarto, e como ainda tivessem 3 ou 4 betoneiras de massa para levar para os caboucos, recusaram-se a fazê-lo, apesar dos rógos e ameaças do encarregado. No dia seguinte o encarregado deixou de fazer o que fazia antes.

Ainda noutra obra do mesmo bairro em que os serventes ganhavam 32\$00, o patrão quis baixar para os 28\$00, mas os serventes recusaram-se a pegar por menos de 30\$00.

**Operários da Construção civil:** Formai comissões de unidade em todas as obras. Discuti e organiza as vossas lutas, único meio de resistirdes à ofensiva patronal e conquistardes algumas regalias.

## CONTRA OS DESPEDIMENTOS NOS ESTALEIROS DA CUF

**C**omo no último número noticiámos, tinham sido despedidos 75 operários dos estaleiros da CUF. Porém, 20 destes operários resolveram não aceitar tal facto; foram reclamar junto do engenheiro e procuraram falar com o administrador Manuel de Melo. Em consequência da sua luta, não só foram readmitidos como lhes foram pagos os dias que estiveram sem trabalhar.

A atitude destes aguerridos operários é um belo exemplo de como pela luta e só pela luta conseguimos fazer respeitar os nossos direitos. Que os 55 operários ainda não readmitidos lutem unidos pela sua readmissão. Que todos os trabalhadores da CUF, sobre os quais continua a pesar a grave ameaça de despedimentos, se solidarizem e apoiem a luta de todos os operários despedidos.

## A exploração dos operários da C.N.N.

**A** Companhia Nacional de Navegação é uma empresa capitalista poderosa e que disfruta de sólida situação financeira, como o atestam os mais de 27 mil contos de lucros obtidos em 1958 e a encomenda do «Príncipe Perfeito», que custa 450 mil contos. Pois mesmo assim tem ao seu serviço algumas centenas de operários que não têm quaisquer direitos e que nem sequer beneficiam das magras regalias gerais que os restantes operários desta empresa têm.

Aqueles operários são considerados «eventuais», e não se julga que são assim classificados por prestarem serviço na empresa há pouco tempo, pois muitos deles (são mesmo a grande maioria) ali trabalham há muitos anos.

Na última semana de Setembro e à semelhança do que é usual, a Administração, alegando falta de trabalho, suspendeu à volta de 300 operários que se encontram nas condições referidas.

Isto significa que além da explo-

ração própria do sistema capitalista, estes defensores da «civilização ocidental» e «cristã» (e da ditadura fascista de Salazar, já se vê) submetem os seus operários a uma dupla e refinada exploração:—havendo muito trabalho obrigam os operários a ritmos infernais; havendo pouco, ainda que este afrouxamento seja só por uma semana, mandam-nos para a rua.

É claro, depois vem o Natal e os Correias de Barros & C.<sup>a</sup> não desmentirem totalmente o seu «cristianismo» e para se candidatarem a comandadores «dão» uma semana de «broas» e ficam novamente com as «consciências» tranquilas para voltarem ao princípio.

Os operários da C.N. Navegação e das outras empresas de construções navais devem meditar nesta situação e juntarem-se para discutir as medidas e as formas capazes de, através da luta unida, defenderem os seus interesses e ainda o pão dos seus filhos.

## NOS ESTALEIROS DE VIANA OS OPERÁRIOS CONQUISTAM AUMENTO DE SALÁRIOS

**N**os estaleiros navais de Viana do Castelo, em consequência da luta que os operários vinham travando, a gerência viu-se forçada a conceder um aumento geral de salários que oscila entre os 10

e 15%. Para impedir que a luta se desenvolvesse, a gerência deu o aumento antes de os operários lhe entregarem a exposição em que o reclamavam. Contudo, como o aumento concedido não corresponde às necessidades e desejos dos operários, estes continuam descontentes.

Operários dos Estaleiros de Viana: o aumento que já obtivestes mostra que a luta é o único caminho da vitória. Continuando a vossa luta unidos e organizados atingireis o vosso objectivo.

## A SEMANA INGLESA EM TORRES VEDRAS

**S**omando-se ao êxito conseguido pelo pessoal dos Stands, de que demos notícia no «Avante!» de Agosto, os operários das oficinas das diversas empresas de camionagem desta localidade, conseguiram finalmente a «semana inglesa» por que vinham lutando. Conseguiram igualmente esta regalia os operários da maioria das oficinas de mecânica e de recauchutagem.

## LUTA DOS BANCÁRIOS DO PORTO

**O**s empregados bancários do Porto entregaram ao seu sindicato um abaixo assinado com cerca de 400 assinaturas para que o médico não fosse substituído por um outro que não é do agrado da classe.

Bancários: se continuardes unidos e firmes o vosso médico não será substituído!

## NA CRISAL DE ALCOBAÇA AUMENTO DE SALÁRIOS DEVIDO À LUTA

**O**s oficiais e ajudantes desta empresa vidreira foram junto do patrão reclamar um aumento de salário acima do contrato, o qual estabelece salários inferiores aos que eles já ganhavam. O patrão recusou inicialmente, mas face ao descontentamento dos operários foi forçado a dar o aumento, ficando os oficiais a ganhar 85\$00 e 80\$ e os ajudantes o correspondente a 80% dos oficiais, como estabelece o contrato colectivo.

# VAMOS TER UM INVERNO DE MISÉRIA

## «A FOME ENTROU JÁ EM MUITOS LARES»

Montemor-o-Velho, 22: A situação dos homens que trabalham a terra é aflictiva. «A fome entrou já em muitos lares».

Se os jornais quizessem e pudessem reflectir a situação em que vive o nosso povo teriam de publicar diariamente notícias como esta que o próprio jornal reaccionário, «O Século», publicou no dia 23 do corrente sob o título: «A FOME conquista uma das regiões mais ricas em cereais».

O flagelo da fome atormenta e atormentará cada vez mais o nosso povo porque escasseiam os géneros, porque aumentam os preços, porque cresce o desemprego, porque não sobem na proporção dos preços os salários e ordenados, porque se arruinam os pequenos e médios produtores e comerciantes.

### escasseiam os géneros

As dificuldades de abastecimento do mercado em géneros de primeira necessidade têm vindo a aumentar e serão cada vez maiores nos próximos meses.

Devido à falta de protecção do governo à nossa agricultura, não só não se tem desenvolvido a produção agrícola nas últimas dezenas de anos em conformidade com o aumento da população, como, relativamente a vários géneros, se tem mesmo produzido menos. A agravar esta situação, o último ano agrícola foi particularmente mau. Segundo o Instituto Nacional de Estatística baixou de 33%, a produção de trigo, de 36%, a produção de centeio, de 49%, as produções de aveia e cevada, relativamente à já deficientes médias atingidas nos últimos dez anos.

Com a produção pecuária tem

sucedido o mesmo. De 1934 para cá tem diminuído sistematicamente o número de cavalos, de caprinos, de ovelhas e carneiros. O número de bovinos mantém-se estacionário desde 1925 apesar do grande aumento da população. Só o número de suínos subiu ligeiramente, mas também não acompanhou o aumento da população. Com tais existências de gado, e uma produção correlativa de carne, não admira que esta falte cada vez mais. A situação da pecuária é já de tal ordem que grande parte da carne que hoje se consome em Lisboa não é fresca, mas sim congelada, produto de exportação de países estrangeiros, que, como a Roménia, souberam desenvolver a sua produção de gado.

Com o bacalhau sucede sensivelmente o mesmo que com os produtos agrícolas e o gado. A safra deste ano, embora ligeiramente superior à do ano passado, é contudo inferior à média anual dos últimos dez anos.

A falta de géneros não é, pois, consequência apenas de um ano agrícola mau, mas, sim, no fundamental, consequência da política do governo que não toma as medidas adequadas ao fomento da produção de géneros alimentícios de primeira necessidade.

### A escassez gera a subida dos preços

Devido à falta de géneros e à especulação que sempre tal falta provoca, sobem cada vez mais os preços. A juntar à subida dos preços dos legumes, das hortaliças, do peixe, das frutas, das carnes de vaca e de porco, do azeite, do bacalhau, do açúcar, do sabão, do tabaco, do vestuário e das rendas de casa, que

se têm verificado desde Junho de 1959, e a que já nos referimos no último «Avante», acaba agora de subir o preço do peixe fresco como consequência da monopolização da venda do peixe (que, aliás, atirou para a fome centenas de peixeiras) decretada este mês pelo governo. O peixe é agora menos abundante e mais caro. E já se pede («O Século» de 13 de Setembro) a subida dos preços do trigo (o que fará aumentar o preço do pão), do milho, da carne e da batata. Tudo indica que o preço do bacalhau vai também aumentar novamente.

### Cresce o desemprego

A somar à escassez de géneros e à subida dos preços dos artigos essenciais, cresce o desemprego. A falta de trabalho nos campos começa já a sentir-se de modo premente como o mostram notícias do Alentejo que chegam à nossa redacção. Fábricas há que já começaram a despedir operários, e à medida que for sendo realizada a política de concentração industrial do Ministério da Economia, muitos mais despedimentos se verificarão.

### Organizemos a Luta contra a Fome

O povo deve ser alertado por todos os meios contra a situação de extrema miséria que se avizinha, e organizado desde já contra a fome que reina nos lares dos trabalhadores. A primeira e mais eficaz frente de luta contra a fome, é a luta por melhores salários e ordenados. Não só a luta por melhores salários é a única solução que pode contrabalançar em parte a subida do custo da vida, mas é ainda uma eficaz arma para impedir o aumento desse custo da vida. Ao contrário do que dizem os propagandistas do «ciclo infernal» (segundo os quais o aumento dos salários provoca o aumento dos preços), é na medida em que por todo o lado se intensifica a luta por melhores salários, é na medida que se forma um verdadeiro movimento de luta por melhores salários, que o governo, que teme acima de tudo a classe operária e as suas lutas, será forçado a impedir o agravamento dos preços.

Os assalariados agrícolas devem desde já reclamar pão ou trabalho para todos e organizar marchas da fome. Aproveitando as ricas experiências do inverno passado, os assalariados e os semi-proletários devem concentrar-se junto das Casas do Povo, das Sedes das Juntas de Freguesia, dos Postos da GNR, das Câmaras Municipais, etc, exigindo pão ou trabalho.

As donas de casa devem discutir por toda a parte a carestia da vida e começar a formar Comissões de mercado, de rua ou de bairro para exigirem do governo medidas que garantam o abastecimento e ponham um travão ao aumento dos preços.

Só na medida em que todos lutemos por melhores salários, contra o desemprego, contra a escassez dos géneros e contra a subida dos preços, a miséria será menos negra neste inverno que se avizinha.

## EM 1961 HÁ ELEIÇÕES ORGANIZEMOS O RECENSEAMENTO

O próximo recenseamento é da maior importância por ser na base dele que se realizarão as eleições para deputados de 1961. Os democratas não devem ficar à espera de qualquer movimento espontâneo para que os cidadãos se inscrevam no recenseamento eleitoral. Procuremos desde já formar Comissões de Recenseamento no maior número possível de locais de trabalho, de habitação, freguesias e sedes de concelho. Estas comissões devem abordar todos os companheiros de trabalho e visitar todas as casas da sua freguesia para saberem quem está em condições de ser recenseado, para incitarem ao recenseamento, para darem todos os esclarecimentos necessários e facilitarem por todos os meios a inscrição do maior número de cidadãos. Com o mesmo fim, podem as Comissões de Recenseamento publicar pequenos manifestos e circulares e abrir e pôr a funcionar postos de recenseamento, onde se prestem todas as informações e onde as pessoas possam buscar ajuda para se recensearem. Cada Comissão do 5 de Outubro pode transformar-se numa Comissão de Recenseamento.

Elas são uma base de organização que pode e deve ser aproveitada para a campanha eleitoral.

O recenseamento eleitoral realiza-se de 2 de Janeiro a 15 de Março.

TODOS AO RECENSEAMENTO

## 3 ANOS DE PRISÃO SEM JULGAMENTO

Na prisão de Caxias, numa sala que não tem capacidade para mais de 5 pessoas, mas onde se encontram normalmente fechadas durante 23 horas e meia por dia umas 10 a 12 presas, está a jovem Ivone Dias Lourenço há 3 anos aguardando julgamento. Numa outra sala da mesma prisão está Rolando Verdial que foi preso juntamente com a jovem Ivone. Rolando Verdial conta, ao todo, 6 anos e meio de prisão sem julgamento, pois já esteve também preso, sem ter sido julgado, de Dezembro de 1953 até Maio de 1957, data em que fugiu da cadeia do Aljube. Assim, Rolando e Ivone cumpriram já uma longa condenação mesmo antes de serem julgados.

Segundo a própria legislação fascista, sempre que os acusados se encontrem presos, o seu julgamento deve efectuar-se no prazo máximo de um ano.

Os responsáveis directos por mais esta ilegalidade, que é um modo de cinicamente acrescentar as futuras condenações a Rolando e Ivone, são a PIDE e o verdugo juiz Caldeira, presidente do Tribunal Plenário que os há-de «julgar». Rolando e Ivone não prestaram a mínima declaração à PIDE. A PIDE odeia-os, e na jovem Ivone pretende ainda vingar-se do ódio que tem a seu pai, António Dias Lourenço, dirigente do P.C.P.

Protestemos contra mais esta ilegalidade criminosa da PIDE e do seu juiz Caldeira.

## NOS CÁRCERES E TRIBUNAIS DE SALAZAR

O tempo passa e Maria Ângela Vidal continua aguardando numa cela de Caxias que chegue o dia da sua libertação. Impossível dizer quando as portas da fortaleza se abrirão para ela, pois a pena de 3 anos e meio a que foi condenada já terminou há muito sem que a PIDE se disponha a libertá-la. É opinião unânime dos médicos que a sua vida corre perigo se não for internada num hospital ou libertada; porém, às diligências dos médicos, dos advogados, da família, dos amigos, responde a PIDE com evasivas e promessas. Quando entrou na fortaleza de Caxias, Maria Ângela era uma jovem cheia de vida; hoje é uma mulher martirizada por 7 anos e meio de sofrimento. Ela espera que o nosso povo a traga para a liberdade.

— A Dr.ª Maria Luíza Costa Dias que há dois anos aguarda julgamento, adoeceu gravemente na cadeia; foram precisos vários meses de diligências e protestos para que a PIDE lhe permitisse o internamento num hospital, só à última hora, para uma operação a um tumor. Ainda a operação não estava terminada (sob a vigilância de uma mulher da PIDE) e já os agentes da PIDE procuravam levar esta de-

mocrata de novo para a fortaleza de Caxias, o que acabaram por fazer passado pouco tempo apesar dos protestos dos médicos e enfermeiras. Sentindo que é preciso completar a desumanidade com a baixezça, a PIDE diz agora que a família terá que pagar a conta do hospital.

— No tribunal da PIDE, na Boa Hora, o juiz Silva Caldeira continua a aplicar penas terroristas aos anti-fascistas, privados de toda a possibilidade de defesa: os destacados militantes do Partido Comunista Maria Alda Nogueira e Carlos Aboim Inglês foram recentemente condenados a 8 anos de prisão cada um, seguidos de prisão por tempo indefinido em regime de «medidas de segurança». Só em 5 julgamentos realizados no mês de Outubro, o juiz Caldeira ditou sentenças num total de 38 anos de prisão além dum número indeterminado de anos de cadeia sob as «medidas de segurança», o que o qualifica como o melhor lacaio de que a PIDE dispôs até hoje no Tribunal Plenário. Torna-se um dever para todos os portugueses protestar contra a acção policial do juiz Caldeira, que desonra a magistratura portuguesa.

# TOMA CORPO NOVA CAMPANHA PELA AMNISTIA

O nosso povo não se conforma com o regime de medo e de perseguições políticas a que foi condenado há 34 anos. Mais uma vez as acções populares começam a dar forma a uma potente campanha pela Amnistia, que é urgente aprofundar e alargar. O volume dos protestos já foi suficiente para romper a barreira de silêncio organizada pela Censura: a voz do povo sai para os jornais, para as assembleias, para os debates nas ruas. É essa a sua maior força e é nesse sentido que importa insistir.

Entre as muitas notícias positivas que chegam ao nosso conhecimento, merece destaque a acção dum grupo de mulheres da Cova da Piedade que num dia recolheu de porta em porta mais de 400 assinaturas pela Amnistia; o acolhimento foi bom por toda a parte e houve locais em que se formaram ajuntamentos de pessoas esperando a sua vez para assinar e comentando a situação dos presos. Após a recolha, um grupo de 75 mulheres da Margem Sul do Tejo e de Lisboa dirigiu-se à redacção de vários jornais da tarde onde apresentou o texto com as assinaturas recolhidas e expôs de viva voz a sua reclamação.

Nas reuniões e assembleias de democratas realizadas no dia 5 de Outubro foram constantes e calorosas as referências à situação dos presos e perseguidos políticos, concretizadas em acções práticas. Assim, sabemos que textos e moções reclamando a Amnistia foram assinados por 400 pessoas em Alpiarça, por 250 na Marinha Grande e por outras centenas mais em Lisboa, Torres Vedras, Coimbra, Aveiro, etc; no Couço, uma assembleia de milhares de pessoas aprovou uma moção pela Amnistia; também no almoço de confraternização republicana realizado no Ginjal foi assinada por todos os presentes uma representação ao governo no mesmo sentido.

Reclamando a libertação do prestigiado democrata Dr. Victor de Sá foram até agora enviadas ao governo 1.200 assinaturas.

As mensagens, cartas, telegramas e moções dirigidas às redacções dos jornais e às autoridades acorrem de muitos pontos do País, formando uma massa imponente de vozes que reclamam: Amnistia para os presos políticos, para os emigrados, para os perseguidos!

O governo de Salazar encara uma única linha política: a continuação das prisões, das condenações, das perseguições de toda a espécie. Fazemos com que a reclamação popular se alargue, obrigando-o a encerrar uma outra via: a libertação dos presos e perseguidos políticos. Que todos contribuam para a Campanha Nacional pela Amnistia: cartas, abaixo-assinados, moções, telegramas, debates, inscrições e cartazes, todas as formas de solidariedade e agitação serão uma ajuda preciosa em defesa das vidas dos presos políticos!

O nosso povo não está só

Não é só no nosso país que se intensificam as acções pela Amnistia. O nosso povo recebe actualmente uma ajuda inestimável dos povos de todo o mundo, e a campanha pela Amnistia em Portugal está-se tornando rapidamente uma campanha internacional que não

deixará de exercer uma pressão cada vez maior sobre o governo de Salazar.

Entre as numerosíssimas acções que se nos torna impossível noticiar, algumas têm especial relevo.

Em Buenos Aires realizam-se actualmente os últimos preparativos para a segunda Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia em Espanha e Portugal que terá lugar de 11 a 13 de Novembro, fazendo ouvir de novo com a maior repercussão a voz dos povos da América Latina, que o governo de Salazar não poderá continuar a desconhecer. Novas iniciativas de solidariedade sairão desta Conferência, em

seguimento do memorando que a anterior Conferência enviou à ONU sobre a situação dos presos políticos em Portugal.

Em Paris, os emigrados portugueses reunidos no dia 5 de Outubro aprovaram uma moção subscrita por duzentas assinaturas que foi enviada ao governo português, reclamando que seja posto termo às perseguições. Também em Paris está em actividade desde Abril o «Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal» dirigido pelos Profs. Manuel Valadares e E. Guerreiro; este Comité não só está desmascarando as violências do fascismo português como coor-

dena a acção de todos os emigrados portugueses em França.

Numa festa do jornal «Humanité» foi aprovada uma representação ao governo português apoiada por 1.700 assinaturas; há alguns meses o Partido Comunista Francês organizara também um comício de solidariedade aos presos políticos de Espanha e Portugal em que discursaram os cams. Jacques Duclos, e Raymond Guyot tendo sido aprovadas resoluções exigindo uma ampla Amnistia na Península Ibérica.

A solidariedade dos povos de todo o mundo presta um auxílio cada vez maior à luta nacional pela Amnistia.

## TRIBUNA DO LEITOR

### A SITUAÇÃO NAS MINAS DO LOUSAL

Existente uma grande descontentamento entre os mineiros do Lousal. Recentemente os dirigentes desta mina, que pertence a uma companhia estrangeira, retiraram grande número de mineiros do interior onde ganhavam 28\$00 para o trabalho e foram baixando-lhes o salário para 21\$00.

Ao fim de dias o administrador deu um aumento de 2\$80 e depois resolveu fazer uma reunião no salão, dizendo para todos os operários que não fossem. Nessa reunião foram nomeados uma dúzia de operários que se fossem os compis do trabalho dando-lhes uma carta fechada com dinheiro e muitas palmas. Deste modo o patrão elogiou uma dúzia para desfazer em todos os outros. Por isso em geral todos os operários reclamavam dizendo que a reunião tinha sido um nojo, que nem que fizessem mil assembleias não os apunhariam lá, pois o objectivo é o de dividir os operários afirmando uns contra os outros.

Também no caso da trituração os operários estão sofrendo porque entram às 7 horas da manhã para saírem às 4 horas da tarde mas para compensar os descansos por causa dos atrasos dos comboios, a administração da mina fá-los trabalhar para além das 4 horas, sem que lhes paguem esse tempo que é além do horário.

A todos os operários do fundo foram distribuídos dois fatos de ganga azul mas só um é que é oferecido, o outro tem de pagar com 40\$00. Também chegou nova remessa de botas mas não é distribuída a todos; só alguns é que as recebem.

Falam muito que os operários do Lousal têm grandes vantagens, porque têm hortas, casa, lenha, luz, água, etc. Ora isto não é assim. Há alguns mensalistas, que ganham melhor, que têm hortas e alguns operários têm casa da companhia, mas há muitos operários vivendo no território da mina dentro de barracas e um grande número que vive fora da mina e que paga os seus alugueis há dezenas de anos e não têm um bocadinho de terra para colherem uma couve.

Em virtude dos salários serem tão baixos há muitos trabalhadores que passam uma verdadeira vida de miséria. Há casas de família que raras vezes têm um jantarinho para dar aos seus filhos. É pão e café de manhã, ao meio-dia e à noite. O petróleo que entre nas nossas casas e que veja a miséria que reina em alguns lares dos mineiros do Lousal.

O pessoal está queimado com a terrível sífilose e com a tuberculose, que a cara dos trabalhadores não indica outra coisa. Quando já estão doentes são retirados para trabalhar cá fora mas eles não curam essa sífilose só com o ar da rua, precisam dum hospital e melhor salário para que se podessem tratar. Há muitas outras profissões que ganham melhor e nós, mineiros, com um trabalho tão duro, ganhamos um salário tão baixo.

É preciso que todos nos unamos para lutar por aquilo que é justo e não é demais pedir. Temos que defender a nossa saúde e a nossa vida e a saúde e a vida dos nossos filhos.

Conversemos uns com os outros e combinemos a nossa luta por um aumento de salários.

Um mineiro do Lousal

### LUTEMOS POR UM AUMENTO MAIOR

Dez empregados nos serviços municipalizados da cidade de Lagos, que ganhavam 20\$00 por dia nos trabalhos de canalização, electricidade e outros, pediram aumento de salário ao chefe desses serviços.

Este falou com o Presidente da Câmara que, na sessão imediata, defendeu o aumento e pediu ao chefe dos referidos ser-

viços que fizesse uma proposta nesse sentido.

A proposta apresentada foi de um aumento de 5500 por dia. O Presidente da Câmara concordou mas o vereador achou de mais (1) e propôs um aumento só de 3\$00. Acabou por ser aceite esta proposta ficando, portanto, o pessoal a ganhar 23\$.

Empregados dos serviços municipalizados de Lagos! Não vos contenteis com este pequeno aumento, pois o vosso salário continua muito baixo e com ele continuareis numa situação de miséria.

Um trabalhador de Lagos

### TÊM MEDO DOS NOMES...

O povo laborioso desta terra camponesa, por verificar que ao darem o seu trigo para moer em qualquer das três moagens existentes eram descaradamente roubados, trataram de se unir e constituir uma moagem cooperativa, que conta actualmente 546 sócios, à qual deram o nome de Moagem Social do Povo de Malpica do Tejo.

Mas como a existência desta empresa afectasse os lucros dos moageiros locais e o próprio nome não agradasse aos governantes salazaristas, estes trataram de enviar a sua policia, a PIDE, que forçou a que fosse retirado o nome «Social», para que a moagem do povo pudesse levantar trigo do Estado.

Este caso, ligado a tantos outros, mostra o que é a «democracia» salazarista.

Um amigo da Malpica

### SITUAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Tenho lido no jornal e apreciado a campanha feita em prol dos salários mínimos da classe proletária. Como mulher de um funcionário público, não me posso cair e venho pedir para juntar ao seu protesto o meu; como há de viver em condições um funcionário a quem Salazar paga 1.000\$00 e pouco mais, de mensalidade? Ele que, segundo ouço dizer, ganha 21 contos! É evidente que não se pode viver com este ordenado e os sacrifícios feitos por nós para se levar uma vida decente conheço-os eu e tantos e tantos como nós. Quando há tempos os jornais apregoaram que os funcionários iam ser aumentados em 50%, a nós couberam (e vá lá!) a mais 172\$00. E como tivemos esse aumento e poderíamos engordar demais, de umas percentagens duns serviços feitos, do que revertem 50% em benefício de meu marido, eu seja, dos categorizados como ele, Salazar, para poder pagar o aumento, mandou retirar esses 50%. Quer dizer: ficou a ganhar menos.

Uma Amiga

### O «NACIONALISMO» DELES

«Prazeres de Monforte, 29—No dia 10 de Agosto serão vendidas em hasta pública, à porta do tribunal judicial da Comarca de Portalegre, as propriedades urbanas e rurais do ex-gerente do Grémio de Lavoura do concelho de Monforte, Pedro Rebelo Malhado, que continua preso na cadeia comarcã, aguardando julgamento». («Século», 30.7.960).

Este caiu em desgraça e os seus pares «nacionalistas» beneficiaram que não comeria mais do bolo... pelo menos por agora.

Na primeira quinzena de Agosto o salazarista presidente da Junta de Freguesia de S. Miguel (Lisboa) foi demitido por ter encenado o dinheirinho da Junta para... o seu bolso.

Agora sim, vai chegar a moralidade à administração salazarista—quem «desviar» menos das centenas de contos já sabe que paga as faves... para os grandes «desviadores» pagarem as quintarolas e moradias principescas adquiridas com o produto dos «desvios».

Um leitor do «Avante»

### A VERDADE VAI SE CONHECENDO

O «caso português» vai-se tornando cada vez mais discutido no estrangeiro, mas completamente despojado das mentiras de propaganda salazarista. Apesar dos convites constantes dirigidos pelo SNI a intelectuais franceses, ingleses, alemães e americanos para visitarem o nosso País com todas as despesas pagas, a fim de repetirem a linha oficial, aqueles que observam directamente e com espírito crítico a vida portuguesa são unânimes em reconhecer o estado de decadência a que Portugal chegou sob a ditadura fascista. Cá fora aparecem com frequência artigos na imprensa diária, como os que o TIMES dedicou há relativamente pouco tempo a Angola, apontando a estagnação económica e a repressão colonialista ali exercida pelo Governo.

Desviados com o esborçar da sua propaganda, os fascistas recorrem a todos os meios para silenciar o libelo de observadores imparciais. Teotónio Pereira, quando era embaixador em Londres, chegou ao ponto de mandar comprar toda a edição do PORTUGUESE PANORAMA de Blackstone, no que despendeu 6.000 libras (480 contos), só por este processo conseguindo retirar o livro do mercado. Em seguida o SNI subornou um plúmbeiro de lousa ordem para redigir uma nova versão com o mesmo título, esta inteiramente laudatória e no estilo habitual dos seus boletins de «informação».

No entanto nem com obras pirateadas o fascismo logra mitigar a opinião mundial. Bem significativo é o que se está a passar na Inglaterra. Até há pouco eram geralmente velhos coronéis reformados, ou a esposa de um velho funcionário do «Foreign Office», que, por desfastio, escreviam um volume sobre Portugal. Daí a afilhada escassez de obras de mérito. Ora recentemente Frank Huggell publicou um livro de viagens AO SUL DE LISBOA (South of Lisbon), que se distingue pela análise incisiva do estilo da vida e da mentalidade do Português após 34 anos de ditadura feroz. E o quadro que apresenta é aterrador, uma visão de «pesadelo», como o próprio autor a classifica.

Lisboa surge-lhe como uma linda cidade provinciana, com uma vida cultural pobre e apertada nas malhas de uma censura inquisitorial. O Sul, fora dos trilhos percorridos pelo turista, mostrou-lhe uma população trabalhadora triste e calcada pela miséria, sem habitação adequada, sem água encanada e desprovida dos preços necessários à existência. (Facto este, aliás, comprovado pelos estatísticos da ONU, em que a ceda portuguesa é atribuído um rendimento médio anual de menos de 5.000\$00 — e este mesmo permanentemente diminuído por uma constante alta de vida —, o que nos dá o lugar de de dois países mais atrasados da Europa.) O Autor notou ainda o sentido da casa, patente nas altas camadas da sociedade portuguesa. Surpreendeu-o a nossa burocracia, cujo único fim é desencenar o requerente da sua petição. Friza também a invocação de glórias passadas por parte do Governo, no intuito de despertar no povo uma adesão à política de repressão colonialista. Por outro lado, embora lhe faltem elementos que o teriam levado a compreender o sentido da Oposição Democrática, cuja presença só descortina através de cautelosos encontros do acesso, Huggell crê que Salazar ainda se mantém no poder «porque muitos liberais duvidam mais da eficácia dos seus métodos do que da sinceridade dos seus objectivos». Considera tal atitude desastrosa.

Não obstante as suas deficiências, este livro é uma das condenações mais inteligentes da vida em Portugal sob o fascismo salazarista. As suas revelações envergonham-nos aos olhos de todo o mundo e impõem a necessidade de derrubarmos quanto antes um regime que escraviza a nação a uma política de negro fanatismo.

Um português de Liverpool



## HORAS SOMBRIAS PARA PORTUGAL

(continuação da 1.ª pág.)  
 «A total de discriminação racial», cantam o «génio civilizador» português, exaltam a «harmonia» do «estado multi-racial», gritam que as colónias não são colónias mas «províncias» de Portugal.

Mas como conciliar estas cínicas afirmações com os factos? Como se pode contestar que cerca de 300 mil trabalhadores angolanos estejam submetidos ao trabalho forçado e compulsivo? Como negar os 2 escudos de salário dos mineiros da Diamang? Como escarrotear os 350 mil trabalhadores moçambicanos «exportados» anualmente pela colónia de Moçambique para o trabalho forçado das minas de Rand, de Witwatersland, de Orange, do Transvaal, de Kimberley, de Momaqualand e para as plantações e as minas da Rodésia, pelos quais o governo cobra cerca de 70 mil contos? Como ocultar a passagem em Carmona dos «contratados» amarrados com cordas uns aos outros para não fugirem ao trabalho forçado? Como falsear os 20% de mortalidade entre os trabalhadores de S. Tomé e Príncipe? Como desmentir a cultura compulsiva para os agricultores indígenas nas grandes zonas concessionárias? Como apagar os castigos corporais

e os morticínios das populações indígenas! Como interpretar o facto das companhias coloniais obterem uma taxa de dividendos de 20%, em proporção com as da metrópole que é de cerca de 10%?

Não há palavreado que possa deformar a realidade da opressão colonial portuguesa.

### A hora das colónias portuguesas está próxima

Por muito que doa aos colonialistas a hora das colónias portuguesas está próxima. Os povos africanos e asiáticos despertaram e uma a uma as algemas colonialistas estão a ser destruídas. Ajudados pelos países do campo socialista, pelas jovens nações africanas e asiáticas que conquistaram a sua independência e por todas as forças amantes da Liberdade e da Paz, apoiados pelo poderoso movimento comunista e operário mundial, pela sua própria luta e pela luta e acções do povo português, os povos dominados pelo colonialismo português conquistarão também o direito à autodeterminação e à liberdade.

Cresce nas colónias portuguesas a luta das populações escravizadas e os legítimos representantes dos povos de Angola, Moçambique e

Guiné fazem ouvir a sua voz reclamando a independência das suas pátrias.

A roda da história gira e para o sistema colonialista chegou a sua hora. Só os fanáticos reaccionários salazaristas julgam poder manter o jugo colonial sobre milhões de seres.

O fim do colonialismo português não é uma questão para amanhã mas para hoje.

### São um crime contra português as guerras coloniais que Salazar prepara

Em vez de compreender os imperativos da história, Salazar prepara-se para tentar sufocar pelas armas a luta dos povos coloniais pela sua independência.

Tais aventuras estão condenadas à mais estrondosa derrota. Os povos africanos têm a força suficiente para esmagar todas as tentativas de sobrevivência do colonialismo.

Mas o desencadeamento de guerras coloniais é um verdadeiro crime contra Portugal que o nosso povo tem o dever de impedir. Salazar quer fazer chacinar a nossa juventude na selva africana em defesa dos interesses dos potentados da Diamang, da CUF e de todos os roceiros e monopolistas que exploram os povos coloniais.

Milhões de contos estão a ser desviados de actividades essenciais à vida do povo para a compra de canhões e aviões e o apetrechamento e envio de tropas expedicionárias. A perspectiva de uma guerra colonial é uma ameaça real. Graves responsabilidades pesam sobre o povo português se não puser um freio à aventura salazarista.

O nosso povo não pode consentir que um tal crime se consuma. Os povos coloniais têm o direito de ser livres e nada poderá impedir de conquistar a liberdade. O nosso povo a quem o fascismo roubou as liberdades deve saber que «não pode ser livre um povo que oprime a outro povo».

A luta popular contra as aventuras guerreiras de Salazar em Angola deve ser travada e organizada em todos os terrenos. Só assim os portugueses poderão impedir que se cubra de opróbio o nome de Portugal.

### Se não fôr obrigado a largar o governo Salazar será obrigado a mudar de política

A manutenção de uma política colonialista ultrapassada faz pesar sobre o país graves perigos e ameaças. Salazar para não ser obrigado a reconhecer a falência da sua política está a encaminhar Portugal para uma aventura fracassada.

A liquidação das velhas posições colonialistas é uma imposição dos tempos a que ele não poderá fugir. Sem dúvida que os colonialistas fascistas tentarão iludir a situação com certas medidas demagógicas e sem valor. Não é de excluir que o salazarismo chame a certos cargos honoríficos alguns traidores aos seus povos, outros Tchombús dispostos a vender a sua pátria aos escravizadores colonialistas.

Mas tais medidas não podem resolver o problema. O nosso povo deve exigir a solução justa do problema colonial, a qual é a supressão total do colonialismo português e o reconhecimento imediato do direito da autodeterminação aos povos coloniais.

Se o não fizer, os próprios acontecimentos impõem-no. Impõem-se uma mudança radical e ele será obrigado a largar o governo Salazar será obrigado a mudar de política.

## A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

(continuação de 1.ª pág.)

«A Grande Revolução de Outubro, que libertou os povos oprimidos pela reacção czarista, representou a primeira grande derrota do imperialismo e trouxe de facto a solução justa do problema nacional e colonial.» (...)

«Nos comunistas portugueses, temos uma grande responsabilidade na luta pela liquidação total do sistema colonial.»

«O Governo de Salazar é o governo dos colonialistas portugueses e dos imperialistas estrangeiros, o governo que submete à mais feroz exploração, opressão e repressão coloniais milhões de africanos e asiáticos. O colonialismo português prepara-se para sufocar pela violência os anseios e a luta dos povos de Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Goa, Timor e Macau pela sua libertação, prepara-se para uma aventura armada nas colónias portuguesas de África contra os seus povos.»

«Esta acção criminosa do governo fascista de Salazar está voltada ao fracasso, pela luta dos povos dominados pelo colonialismo português, pela acção dos países socialistas e em primeiro lugar da União Soviética, pela solidariedade dos países que se vão libertando do imperialismo, pelas lutas e acções do nosso próprio povo. O nosso povo, a nossa classe operária, estão ao lado da luta libertadora dos povos coloniais e tudo farão para impedir que os colonialistas portugueses aloguem em sangue as aspirações à liberdade e à independência dos povos africanos e asiáticos dominados pelo Estado salazarista.» (...)

«Nos comunistas portugueses, sudamovos igualmente pela contribuição dada pelo Partido Comunista da União Soviética e o seu Comité Central Leninista ao problema das formas de passagem do capitalismo ao socialismo.» (...)

«Contra as ideias revisionistas, pensamos que a passagem pacífica ao socialismo, inclusive pela via parlamentar, não poderá realizar-se pelos métodos conciliadores do social-reformismo, mas pelo movimento revolucionário das massas populares encabeçado e dirigido pela classe operária.»

«O problema que se coloca ao povo português neste momento é de natureza diversa. O nosso povo enfrenta hoje a difícil tarefa de derrubar uma feroz chacinada fascista e instaurar no país um regime de Liberdade e Democracia. Embora não esteja excluída a possibilidade de realizar em Portugal por vias pacíficas as necessárias transformações de carácter democrático, não é de contar, nas condições presentes, e muito especialmente pelas incidências do problema colonial, com um abrandamento da política de terror do governo fascista, mas com a sua intensificação. Por isso só o futuro curso da situação política poderá dizer se será possível derrubar o fascismo sem recorrer à força, ou se o recurso à força se virá a impor.» (...)

«Desejamo-vos, queridos camaradas, a vós, ao glorioso Partido Comunista da União Soviética, e ao heróico povo soviético, os maiores êxitos na edificação do Comunismo.»

Viva o 43.º Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro!

Viva o Partido Comunista da União Soviética e a sua Direcção Leninista!

Viva a União Soviética, vanguarda dos povos socialistas e do movimento comunista e operário mundial!

Viva a Unidade indissolúvel do campo socialista e do movimento comunista e operário mundial!

Viva a amizade entre os povos soviético e português!

Viva a Paz no Mundo!

Outubro de 1960

O Comité Central do P.C.P.

## BASES ALEMãs EM PORTUGAL

O jornal brasileiro «Última Hora» publicou no dia 29 do mês passado, um telegrama enviado de Lisboa pela Agência A DN em que, a propósito da visita do nazi Franz Strauss, actual ministro da Defesa alemão, se afirma: «Nesta visita, o ministro da guerra português consentiu que o regime de Adenauer instalasse bases militares no território português.»

Insistentes notícias têm chegado à redacção do nosso jornal segundo as quais o governo português tem andado a negociar secretamente a instalação em Portugal de bases militares alemãs e de rampas de foguetes étônicos americanos.

O perigo que uma tal política representa para o nosso povo é evidente: para já seríamos oprimidos não só pelos fascistas portugueses, mas ainda pelos nazis alemães e pelos militaristas americanos; no futuro, em caso de guerra, poderíamos ser imediatamente destruídos pelos foguetes soviéticos em atitude de legítima defesa.

Exigi que o governo esclareça rápida e completamente estas questões. Exigi que os americanos evaquem as bases dos Açores. Que nem um soldado alemão ou americano ocupe o solo querido da nossa Pátria!

## TIREM AS MÃOS DE CUBA!

Pesa sobre Cuba a ameaça da invasão.

Nas cidades e aldeias, as milícias de operários, camponeses e estudantes cubanos preparam-se para empunhar as armas em defesa das conquistas da sua revolução, enquanto o cerco se fecha em torno da ilha heróica: são os mercenários concentrados nas praias da Guatemala, os navios de Porto Rico, os aviões da Flórida e os fuzileiros navais norte-americanos que já se encontram no próprio território de Cuba, na base de Guantanamo (aí está para o que servem as bases norte-americanas de «auxílio aos povos amigos»!)

Para os povos de todo o mundo a situação está bem clara: o governo dos Estados Unidos resolveu lançar-se em mais uma aventura militar contra um pequeno país para servir os interesses dos grandes monopólios. Por detrás da agressão que o governo americano prepara está a «United Fruit» e os latifundiários cubanos que não se conformam com a Revolução que os desapossou de três quartos das terras cultivadas de Cuba para as entregar aos camponeses. Por detrás da agressão que o governo americano prepara está a «Goodyear», a «General Electric», o «First National Bank» — estão os monopólios americanos que dominavam até há poucos meses a indústria, os transportes e o comércio de Cuba e que não se conformam com os decretos revolucionários que nacionalizaram 36 milhões de contos dos seus capitais em proveito da economia cubana.

Poucas vezes terá surgido com tanta clareza o papel do imperialismo como opressor e inimigo dos povos. As mesmas forças que têm alimentado durante meses seguidos a guerra surda contra Cuba, com uma campanha frenética de ameaças e provocações — essas mesmas forças recorrem agora ao governo norte-americano para passar à agressão militar aberta.

### Cuba não está sòzinha!

Mas os imperialistas desconhecem as forças do povo cubano. O povo de Cuba, unido como um só homem em torno do governo de Fidel de Castro, está disposto a bater-se pelas conquistas sociais da sua revolução. E se a agressão for lançada, ele sairá vencedor, por muito grande que sejam os sacrifícios da luta, porque Cuba não está sòzinha: os cubanos contam com o apoio militar esmagador da União Soviética, com a solidariedade dos países socialistas, dos países anti-imperialistas da África e da Ásia e de todos os povos do mundo, sobretudo dos povos da América Latina que anseiam por se libertar das algemas do imperialismo norte-americano e não deixariam de acudir em socorro do povo irmão de Cuba.

A agressão a Cuba pode significar a guerra mundial. É bom que os imperialistas norte-americanos compreendam que a URSS não abandonará Cuba e que os foguetes soviéticos destruiriam instantaneamente as bases de onde fosse lançada a agressão.

O nosso povo, que acompanha com ardente entusiasmo as conquistas da revolução cubana, deve manifestar nestes dias sombrios a sua inteira solidariedade ao povo de Cuba: Façamos protestos contra os preparativos de invasão de Cuba pelos imperialistas americanos! Reclamemos contra as idas e vindas no nosso território de conspiradores anti-cubanos e que seja entregue ao povo cubano o criminoso de guerra Fulgêncio Baptista! Mostremos aos imperialistas norte-americanos que CUBA NÃO ESTÁ SÓZINHA!